
Cultura Material da Puçá das Arrastadoras de Camarão e a Proposição do Currículo na EJA, Amazônia Bragantina

Material Culture of the Shrimp Draggers and the Proposition of the Curriculum in EJA, Amazônia Bragantina

Rogério Andrade Maciel
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Bragança-Pará

Arthane Menezes Figueirêdo
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
Amapá-Macapá

Resumo

Este trabalho discute a inclusão de conhecimentos sobre os artefatos da Cultura Material da Puçá das pescadoras “arrastadoras de camarão” na construção de currículos contextualizados para a Educação de Jovens e Adultos, abrangendo saberes das vivências dos estudantes da/na Amazônia Bragantina. É uma pesquisa qualitativa ancorada na metodologia da Nova História Cultural, desenvolvida a partir da escuta de duas pescadoras, mediante entrevistas. Os resultados revelam que os artefatos, como canoas, redes, paus “lacreiro”, baldes, remo constituem a cultura material da Puçá. Os saberes e práticas culturais das pescadoras têm sido orientadores de currículos construídos no projeto Educapesca, desenvolvido no contexto da Amazônia Bragantina, uma experiência enriquecida pela cultura local que poderá influenciar e legitimar políticas curriculares dessa natureza nas escolas brasileiras.

Palavras-chave: Cultura Material da Puçá; Educação de Jovens e Adultos; Educação na Amazônia.

Abstract

This work discusses the inclusion of knowledge about artifacts from the Puçá Material Culture of the “shrimp-trawling” fisherwomen in the construction of contextualized curricula for Youth and Adult Education, covering knowledge from the experiences of students from/in the Bragantina Amazon. It is a qualitative research anchored in the New Cultural History methodology, developed by listening to two fisherwomen, through interviews. The results reveal that artifacts, such as canoes, hammocks, “lacreiro” sticks, buckets, and oars constitute the material culture of Puçá. The cultural knowledge and practices of fisherwomen have been guiding curricula built in the Educapesca project, developed in the context of the Bragantina Amazon, an experience enriched by local culture that could influence and legitimize curricular policies of this nature in Brazilian schools.

Keywords: Material culture of puçá; Youth and adult education; Education in the Amazon.

Introdução

No cenário brasileiro e, em particular, nos territórios amazônicos, ainda existe uma problemática a ser superada no campo das políticas curriculares e no campo da formação de professores, quais sejam: os diálogos e os reconhecimentos dos saberes locais (conhecimentos tradicionais) com os conhecimentos científicos para compreensão de que não há saber mais ou saber menos, e sim saberes diferentes, como anuncia Freire (1996), que podem ser norteadores nas resoluções das questões emergentes nas realidades locais, nacionais e transnacionais, bem como, na garantia de direitos de acesso e justiça social para/com os seres humanos Amazônidas.

Não podemos negar que há disputas de forças construídas no reconhecimento dos saberes locais enquanto produção de conhecimentos na formação dos seres humanos pela defesa de preservar as memórias e os saberes ativados na cultura popular e pela presença das diversidades das populações amazônicas com os ribeirinhos, os quilombolas, os povos da florestas, os agricultores, os pescadores, dentre outros seres humanos que necessitam ter seus direitos garantidos nas agendas das políticas de Estado, relativos ao acesso, a permanência e a valorização dos seus saberes e de suas práticas da ancestralidade, assim como garantia do reconhecimento de suas identidades.

Desse modo, as escolas públicas brasileiras, na perspectiva de uma educação emancipadora, deveriam exercer essa atribuição, de articular na formação dos seres humanos, os saberes tradicionais e científicos, sem camuflar os jogos de interesses e negociação dos arranjos neoliberais que negam e silenciam toda a lógica das diferenças, das diversidades, das subjetividades existentes no interior das escolas e na sociedade.

Por ter em vista que a diversidade existente nas Amazônias é constituída por culturas de inúmeras perspectivas simbólicas, materiais e imateriais e que elas estão articuladas às suas atividades produtivas, o foco deste artigo é com as atividades produtivas, relacionadas à pesca artesanal, desenvolvida por mulheres com o uso do artefato “Puçá”. Essas mulheres pescadoras ora são identificadas como “arrastadoras de camarão” e ora são nomeadas de “mestras no pegamento do camarão nas beiradas”.

Assim, suas identidades são construídas socialmente e, dentro da própria prática da pesca com a Puçá, rompem com o paradigma da homogeneização dos seres humanos, pois o

ato de desenvolver uma prática social única, a exemplo, a pescaria com a Puçá, elas podem carregar diferentes identidades em suas atividades produtiva com a pesca.

Por isso, as diversas culturas e realidades, vivenciadas nas comunidades tradicionais das Amazônias, necessitam ser discutidas desde o cenário dos seres humanos e seus cotidianos locais, conectados com as instituições educativas existentes nessas comunidades, se fazendo necessário diálogos emergentes com as múltiplas facetas das culturas materiais nas Amazônias.

A cultura material, é debatida por teóricos como Certeau (2014); Chartier (1990) e Gonçalves (2007), esses que revelam o entendimento sobre as práticas culturais, as identidades dos seres humanos e as representações. Por isso, neste artigo, são utilizados para subsidiar a pesquisa e o debate sobre as mulheres pescadoras amazônidas.

Conforme as observações de Beltrão e Lacerda (2017) e Maciel, Neves e Magalhães (2021), as culturas populares nos cotidianos das Amazônias são negadas nos fazeres ativados do cotidiano escolar. Isso se deve aos arranjos curriculares construídos nos documentos orientadores das políticas nacionais, a exemplo da BNCC, que materializa a produção de saberes científicos por outra lógica, a lógica neoliberal da meritocracia, de avaliação de larga escala externa que impacta a avaliação interna, do individualismo, da supremacia de conhecimentos selecionados em relação a outras, pelo viés de currículos por competência e habilidades, o que, de certo modo, secundariza os saberes locais enquanto pensar outras possibilidades de currículo contextualizados e críticos para a formação de crianças, jovens e adultos nas escolas brasileira.

Diante da defesa dos saberes locais, presente nas comunidades tradicionais, o presente artigo teve por objetivo discutir a Cultura Material da Puçá das arrastadoras de camarão, tendo por base os saberes locais enquanto orientadores de currículos contextualizados para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Amazônia Bragantina¹. A questão problema é instituída pela seguinte vertente: de que maneira os artefatos culturais usados na pesca de arrastão do camarão que constituem a cultura material da Puçá são capazes de orientar currículos para a EJA na Amazônia Bragantina?

Ressaltamos que o contexto da pesquisa está situado na Vila do Bonifácio e Vila dos Pescadores em Ajuruteua, onde a utilização da Puçá pelos pescadores e pescadoras é uma expressão cultural rica em significados. Ao mapear, interpretar e analisar esse artefato e os

elementos correlatos, buscamos contribuir para a produção de conhecimento científico que valorize e incorpore as diversidades culturais locais nos currículos escolares.

Assim, este artigo, é resultado do estágio de Pós-Doutoramento pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), vinculado ao Núcleo de Estudos em Currículos e Formação de Professores nas Amazônias (NUCFOR) e ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Currículos na Amazônia (NIPHECA). A pesquisa faz parte, também, de um projeto aprovado pelo edital Universal “Cultura Material da Pesca e a Proposição do Currículo na EJA profissionalizante no Município de Bragança, Estado do Pará, Brasil” na chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 18/2021, executado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em cooperação com outras instituições brasileiras, dentre elas, a Unifap.

O texto está estruturado por essa introdução que destaca a relevância da pesquisa, sua problemática e os objetivos. Em seguida, registra os materiais e métodos da pesquisa, e ainda traz os resultados e discussões sobre o uso dos artefatos como elementos da cultura material e suas implicações curriculares nas experiências da pesca com a Puçá, fazendo ancoragens com o debate teórico. Por fim, são apresentadas as considerações finais, que analisam a diversidade dos objetos e a integração da cultura local no contexto escolar das comunidades pesqueiras tradicionais e suas relações com a inserção desses saberes locais no currículo das escolas de EJA no projeto Educapesca. Por fim, as referências, onde consta o aporte teórico que subsidiou a pesquisa.

Metodologia

Os materiais e métodos são importantes para traçarmos os caminhos orientadores da pesquisa, sua relação com o espaço a ser pesquisado e a relação entre o interlocutor e o pesquisador. Nesta pesquisa, adotamos a Abordagem da Nova História Cultural (NHC), pois ela dialoga com a perspectiva social, política e econômica. Destacamos que essa relação identifica as relações existentes na sociedade com suas políticas neoliberais do negacionismo e da exclusão, por isso, a NHC contradiz esse tipo de sistema e revela os seres humanos que precisam ser visibilizados em seus múltiplos contextos sociais.

Burke (2008) menciona que toda abordagem nunca vai dar conta de resolver na totalidade as demandas apresentadas na pesquisa e a NHC tem inúmeros problemas a serem debatidos, no entanto, essa abordagem contribui para pensarmos outras epistemologias que são negadas e não dialogam com os saberes científicos.

Uma das contribuições da NHC, em Chartier (1990) e Burke (2008), é com o foco nas representações individuais e coletivas dos seres humanos, são sentidos e significados expressos pela maneira como o (s) sujeito (s) se apropriam de determinados objetos culturais e o reutilizam conforme suas condições cotidianas, assim, as práticas ou partilhas desviacionistas dos grupos sociais, sempre são um ato político de resistência contra toda e qualquer forma de opressão.

Para interpretar a história cultural da sociedade dentre suas práticas e representações individuais e coletivas, o presente artigo traz as evidências sociais e econômicas das pescadoras arrastadoras de camarão, moradoras da Vila do Bonifácio, situado em Ajuruteua, no município de Bragança-PA, localizado no Nordeste Paraense.

Nesta pesquisa, o artefato utilizado na prática de confecção, reparo e apropriação com esse objeto, é com a Puçá (um tipo de rede de pesca de captura de camarão). Nessas práticas, existem diferentes conhecimentos e técnicas que são transmitidos de geração em geração, constituindo a cultura local dessa comunidade, com interconexões em análises históricas e sociais. As materialidades, presentes nas práticas pesqueiras do arrasto de camarão, são realizadas por mulheres pescadoras que residem na Vila dos Pescadores e do Bonifácio, elas têm histórias e culturas a serem pesquisadas. Assim, o trabalho com a pesca está imerso em saberes e práticas culturais, constituídos como processos educativos que devem ser registrados na produção de currículos para as escolas da EJA.

Para obter as informações necessárias das pescadoras, organizamos inicialmente um planejamento que envolveu a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em abril de 2024 e a criação de um roteiro de entrevistas a ser aplicado com as interlocutoras em maio de 2024. Todas as pescadoras assinaram o TCLE, permitindo o registro de seus nomes, dialetos e como são conhecidos nas comunidades, mantendo, assim, o diálogo entre o pesquisador e as interlocutoras, assegurando a conduta ética na pesquisa.

Na aplicação do roteiro de entrevistas, foi realizada uma pesquisa de campo, iniciada com o mapeamento das Vilas localizadas em Ajuruteua, especificamente na Vila do Meio, Vila dos Pescadores e Vila do Bonifácio. Essas duas últimas foram escolhidas como o *lócus* de investigação da pesquisa, pois foi onde as pescadoras estavam presentes na comunidade e não estavam envolvidas em práticas pesqueiras naquele momentoⁱⁱ. A fase exploratória foi essencial, visto que permitiu a caracterização das escolhas do local e de seus sujeitos.

Segundo Gil (2008, p.43), “[...] a fase exploratória possibilita uma definição mais precisa do problema e do objeto de estudo, especialmente em temas pouco explorados, facilitando a formulação de hipóteses”.

Durante essa fase exploratória, foi possível a imersão no campo, conforme Gonçalves (2007, p.67), “[...] a pesquisa de campo busca informações diretamente da população pesquisada, exigindo que o pesquisador vá ao local e documente um conjunto de informações”. A pesquisa de campo ocorreu em três momentos distintos, são eles: o **primeiro** momento (11 de maio de 2024), os pesquisadores realizaram o primeiro contato com as pescadoras da Vila do Bonifácio, conseguindo realizar as entrevistas com as duas principais interlocutoras. Essas entrevistas iniciais foram fundamentais para estabelecer uma base de informações sobre as práticas pesqueiras e os artefatos utilizados; o **segundo** momento (21 de maio de 2024), nesse encontro, os pesquisadores voltaram à comunidade para tirar fotos e observar os artefatos da Puçá em uso. Esse registro visual foi essencial para complementar os dados obtidos nas entrevistas e para entender melhor o contexto de uso dos artefatos; o **terceiro** momento (28 de maio de 2024), o pesquisador retornou à Vila do Bonifácio para esclarecer dúvidas adicionais relacionadas à história da Puçá e suas transformações ao longo do tempo.

As entrevistas permitiram um aprofundamento das informações obtidas anteriormente e uma interpretação detalhada das práticas culturais envolvidas. As entrevistas com as pescadoras foram fundamentais para o levantamento dos dados sobre os artefatos e suas práticas culturais. “As entrevistas semiestruturadas facilitam não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também a explicação e compreensão de sua totalidade” (Triviños, 1987, p. 52).

Após a coleta dos dados, foi realizada a transcrição das entrevistas e a análise dos dados pela epistemologia das práticas culturais e representações, conforme Certeau (2014) e Chartier (1990). O contato direto com as mulheres pescadoras e seus contextos permitiu a análise das práticas culturais em seus modos de fazer, desvelando os artefatos a sua realidade local. Certeau (2014) rejeitou o mito do consumidor passivo, enfatizando a capacidade das pessoas comuns de adaptar produtos às suas necessidades, uma ideia que se aplica às práticas das pescadoras e pescadores, esses que têm saberes culturais como processos

educativos que serão a base de produções dos conhecimentos – perspectivas curriculares para a Educação de Jovens e Adultos no município de Bragança-PA.

A tessitura do currículo é uma forma de registrar os conhecimentos historicamente produzidos pela herança cultural das pescadoras, dos seres humanos mais experientes para e com a geração atual. Esse registro abrange tanto os artefatos usados nas práticas pesqueiras, incluindo a Puçá, quanto às práticas culturais que foram ressignificadas ao longo do tempo. Assim, a cultura da pesca continua a se transformar, integrando novos conhecimentos e práticas que devem ser refletidos nos currículos da EJA.

Dessa maneira, os indicativos curriculares significativos para a Educação de Jovens e Adultos em Ajuruteua, na Amazônia Bragantina, não tem a intenção de ser sistematizado como uma única forma de conhecimento; pelo contrário, à medida que os leitores conhecem as práticas e representações sobre e com o artefato Puçá, se deve ter outras produções de conhecimentos (conteúdos culturais) que possam contribuir com as áreas de conhecimento dos professores em seus fazeres, ativados no cotidiano das escolas públicas brasileira.

Resultados e Discussão

Para discutir a cultura material da Puçá enquanto proposição para os currículos na EJA, trazemos os saberes construídos de geração a geração, as práticas pesqueiras, as perspectivas econômicas e culturais e as mulheres enquanto seres humanos que têm saberes locais orientadores de produção de conhecimentos na Amazônia. Conforme Aragão, Cintra e De Araújo (2015), no estado do Pará, a prática com a pesca artesanal é exercida nos estuários e os apetrechos mais usados são a “tarrafa” e o “puçá de arrasto”.

Um dos pontos importantes a serem discutidos é o de reconhecer a história de vida dos sujeitos amazônidas e a sua relação com as práticas pesqueiras. Neste texto, as mulheres amazônidas e pescadoras têm uma relação íntima com os territórios de maré na Amazônia Bragantina.

[...] Tenho 38 anos. Moro na comunidade da Vila do Bonifácio há 27 anos, sou conhecida como Zuleidinha. Faz 25 anos que trabalho na pesca, desde quando arrumei o meu primeiro marido, comecei a ir à pesca só pra acompanhar ele, mas ao passar do tempo fui aprendendo sobre os tipos de pesca e virei uma pescadora profissional. Assim, as mulheres foram indo pescar, por ser algo passado por gerações, mas, eu ouvi muito que as mulheres não iam dar conta de pegar camarão, só por ser mulher, mas eu não desisti, continuei tentando, e

me tornei mestra no pegamento do camarão nas beiradas (Entrevistada, Zuleide Florindo, 2024).

[...] Tenho 40 anos e moro na Vila dos Pescadores desde os 10 anos de idade. Trabalho na pesca desde os 15 anos. No começo, eu fazia quase todos os tipos de pesca, fazia a tapagem, pesca de linha, pescaria de rede grossa, pescaria de malhadeira, de arpão e a pescaria do Camarão. Tudo começou quando comecei a pescar com minha mãe, desde cedo, ela foi me ensinando como fazer o jeito certo da pesca pra não correr tantos perigos, às vezes, eu falo de como aprendi pescar e as pessoas me questionam por que eu não aprendi com meu pai, o meu pai ele fazia barcos e canoas e não tinha tempo pra pescar, e era minha mãe quem ia pra maré com duas amigas. E quando fui crescendo comecei a acompanhar ela no dia a dia, o arrasto de camarão era sua paixão porque ela amava comer Camarão e eu fui gostando e fui ficando profissional. Ela me falou muito pra ter cuidado na hora de esticar a puçá, não fazer muito barulho, e saber diferenciar as espécies de Camarão, era um meio de dividir na hora da venda (Entrevistada, Maria Nazaré, 2024).

As narrativas das pescadoras revelam a compreensão de conhecimentos construídos pelo uso por meio da observação, dos saberes transmitidos por quem já os praticava e das práticas culturais mediadas por inúmeras ações com diferentes tipos de pesca.

Outra fala importante é com a divisão do trabalho, presente na família dos pescadores, a segunda entrevistada informa que enquanto o pai fazia canoas e barcos, a sua mãe ia até a maré para ensiná-la a pescar camarão, esses ensinamentos estão imersos de saberes: não pode fazer barulho, tem que ter cuidado na hora de esticar a puçá, é preciso diferenciar as espécies de camarão para saber dividir na hora da venda.

Ressaltamos, assim, a importância dos saberes pesqueiros, eles ocorrem desde o reconhecimento do território no ato da pesca, a captura e os tipos de camarão até a sua comercialização; são saberes praticados em territórios de maretórios. Além disso, evidenciamos que quando a segunda entrevistada é questionada pelos outros, sobre o porquê de ela não aprender com o pai e sim com a mãe sobre a pescaria, aqui é rompida a ideia de que o trabalho com a pesca é praticado apenas pelo gênero masculino nas comunidades pesqueiras.

Em outro momento as pescadoras anunciam suas práticas pesqueiras:

[...] Para fazer a pesca é preciso aprender a conhecer a maré. Minha mãe ia me falando as coisas, como era o jeito certo de remar, procurar os melhores lugares pra pegar mais Camarão, ela sempre falava: _filha procura os lavrados maiores que não tenha pau pra arrastar, mas pra mim naquele momento era só um tipo de diversão e mesmo não entendendo muito fui aprendendo aos poucos. Depois

que arrumei família comecei a pescar com meu companheiro, sempre era só nós dois, mas depois de muito tempo já levei meus filhos juntos, mas quando não estavam estudando. Meu filho mais velho não estuda mais, ele já concluiu o Ensino Médio, agora ele vai com frequência comigo (Entrevistada, Maria Nazaré, 2024).

A prática com a pesca do Camarão, eu gosto porque é mais lucrativa e principalmente fácil de se fazer. É de onde tiro o meu sustento pra minha família, pra ajudar meus filhos no estudo e poder dar uma vida melhor pra eles. Faço o arrasto do Camarão desde muito tempo, antes eu ia só com o meu marido, mas hoje eu já vou com meus filhos e, às vezes, com meu marido mesmo. A pesca do Camarão é boa porque é bom pra vender e não é tão difícil de se fazer (Entrevistada, Zuleide Florindo, 2024).

Um ponto que converge nas narrativas das entrevistadas sobre a prática da pesca do camarão são: há a presença geralmente, dos filhos ou maridos para a pescaria; são práticas de sustento da família das arrastadoras de Camarão; duas delas anunciam que depois de aprenderem a pescar, se torna fácil realizar a pescaria e, é bom para venda e o lucro.

Nos territórios de lama chamados de “lavrados”, devem ser os maiores possíveis para se obter mais camarões e que não tenham pau cortantes de “caracás”. Esses são criados em contato com o mangueiro e a água salgada produz moluscos que crescem nos paus, dessa maneira, os paus com as “caracás” podem tanto cortar a puçá, danificar o material da pesca, quanto cortar/ferir as pescadoras.

As pescadoras de arrastão apresentam outras práticas culturais interessantes tanto na captura do camarão, com práticas antigas e inventadas pelas mudanças dos artefatos, quanto nas práticas exercidas com retorno do camarão capturado:

[...] A pesca do camarão vem de muito tempo atrás, quando os pescadores se reuniam para pescar juntos. Saía duas pessoas para jogarem a rede na maré com a ajuda de uma canoa e os outros ficavam esperando na beirada das pancadas para poder puxar a rede. Após os pescadores da canoa colocarem a rede no fundo da maré, eles prendiam a mesma com um cabo e levavam para os das beiradas puxarem o camarão, só que era uma pescaria muito pesada que ficou muito no passado. Por exemplo, hoje em dia, não se vê mais essa prática, com o passar dos anos inventaram a Puçá e tudo ficou mais fácil (Entrevistada, Maria Nazaré, 2024).

[...] Depois de chegar da pescaria, a gente traz o camarão para fazer o torramento dele. O processo do torramento do camarão começa primeiro com a limpeza do mesmo, porque, às vezes, vêm folhas, pedaços

de lama, alguns mariscos e até mesmo pequenos peixes. Depois da limpeza, a gente faz um fogo bem grande e coloca um panelão que pega em torno de trinta litros de água, colocamos no meio de água e botamos no fogo pra ferver. Nesse momento, chega a parte crucial do torramento que é a hora de fazer a calda do camarão, na verdade, a calda do camarão que chamamos é só a gente colocar um quilo de sal na água já fervendo antes de pôr o camarão. Em seguida colocamos o camarão fresco na calda fervendo, aí temperamos com mais meio quilo de sal para ficar bem conservado, deixamos no fogo por 40 minutos, depois tiramos a primeira panelada e colocamos no panelão para secar. Aí repetimos o mesmo processo novamente. Não é tão difícil de fazer, o problema é acertar o ponto da calda, porque só pode colocar o sal quando a água estiver fervendo, esse é o segredo (Entrevistada, Maria Nazaré, 2024).

A entrevistada comenta na primeira narrativa a evolução da pesca do camarão ao longo do tempo. Isso ilustra a importância da adaptação e o avanço da tecnologia e de novas práticas que rompem as barreiras sociais do patriarcado nas práticas da pesca artesanal do camarão.

Outra prática cultural importante de se conhecer é com as formas de arrastos, tempo de captura e a sabedoria com o tempo da maré:

[...] Essa pescaria de arrasto ocorre no vazante da maré até ela começar a encher novamente, tipo a maré vai secando lentamente as beiras do manguezal, onde a gente chama de lavrado, e os camarões gostam de comer nessas beiradas e a gente faz a pesca deles, mas só dá certo na maré de lançante, quando as correntezas das águas ficam mais fortes e facilita nosso trabalho, no caso é que a gente faz o arrasto contra a maré e não tem como os camarões escaparem (Entrevistada, Maria Nazaré, 2024).

[...] A pescaria do arrasto leva em torno de 6 horas só, às vezes, menos tempo, dependendo da quantidade de camarão capturados e só dá certo na vazante da maré, porque os camarões são espertos e ficam pulando pra fora da Puçá. Tenho um segredo pra pegar eles desprevenidos sempre coloco a pessoa menor pra ficar na beirada da lama pra não fazer tanto barulho e pegar eles de surpresas, eu só não gosto quando vem muitas folhas do manguezal que fica ruim de catar, para retirar as folhas do meio dos camarões (Entrevistada, Maria Nazaré, 2024).

A figura a seguir demonstra a maré nas beiradas do manguezal.

Figura 1 – Território de Maré as margens do Manguezal



Fonte: Autores, 2024.

De acordo com Santos, Pereira e Ivo (2006), os territórios têm suas particularidades de lugares e espaços, a exemplo, os territórios de zonas costeiras que se configuram como espaços de transição entre os ecossistemas terrestres e os ecossistemas marinhos. Neles estão constituídos o sistema social, econômico, natural e biológico que geram as culturas locais que podem ser alteradas, conforme sua dinâmica de contextos históricos.

Outro conhecimento importante é sobre os tipos de maré, a maré de lançante, com suas correntes mais fortes facilita o arrasto contra a maré, impedindo que os camarões escapem. Esse conhecimento prático e detalhado demonstra a habilidade da pescadora em aproveitar as condições naturais para maximizar a eficiência da pesca.

A segunda entrevistada, Maria Nazaré, explica a duração da pescaria de arrasto e uma técnica específica para capturar camarões de maneira mais eficaz, além de mencionar os desafios enfrentados durante a pesca, complementa a explicação anterior sobre a pescaria de arrasto, mencionando a duração típica da atividade e o comportamento dos camarões, que tentam escapar pulando para fora da puçá.

As falas das entrevistadas enfatizam a importância do conhecimento profundo das marés e do comportamento dos camarões na pesca de arrasto. Esse conhecimento é fruto de anos de observação e prática, passado de geração em geração e adaptado às condições constituído por saberes locais. A utilização de técnicas inovadoras, como a posição estratégica dos pescadores para minimizar o barulho e surpreender os camarões, ilustra a capacidade das pescadoras de melhorar constantemente suas práticas culturais.

Em um outro momento, as arrastadoras de camarão apresentam suas práticas culturais relacionadas aos territórios e materiais usados:

[...] Para pescar, a rede fica tipo um retângulo na boca dela, aí a gente amarra em dois pedaços de pau, que retiramos na mata. Eu chamo esse pau de “lacreiro”, ele é bem resistente e leve, essa rede na água fica parecendo um mosquiteiro com a boca grande e o rabo estreito, no final da puçá a gente amarra e fica igual um saco e os camarões ficam ali presos, a gente arrasta por uns 10 metros e verifica se já tem bastante camarão, se tiver bastante a gente tirar eles e faz outro lance novamente, por noite a gente faz 6, 7, 8, até 10 lances. Tem dia que pegamos 20 quilos ou até 30, tem dia que falha e pegamos 5 quilos, vai variando da época e da maré (Entrevistada, Zuleide Florindo, 2024).

O contato das pescadoras com seus utensílios de pesca, podem ser considerados pela imaterialidade, presente entre os sujeitos e objetos. Conforme Begossi (2010), os pescadores artesanais auxiliam no manejo pesqueiro por intermédio dos seus saberes e práticas, quando têm conhecimentos sobre/com a natureza e as territorialidades de pesca promovem princípios da ecologia e etnoecologia.

Além disso, elas exploram a variação na captura de camarão de acordo com as condições naturais. Logo, a variação na quantidade de camarão capturado é influenciada pelas condições sazonais dos tempos da maré na pesca artesanal, mostrando um conhecimento prático e adaptável às condições locais.

Para Isaac e Barthem (2004), o estuário amazônico tem uma forte relação com a atividade produtiva de pesca para o extrativismo do camarão, além do que, existem duas formas pesqueiras econômica e tecnologicamente diferentes: a pesca industrial e artesanal.

Figura 2 – Imagem da Puça e alguns pescadores na beira do Mangue



Fonte: Autores 2024.

O uso de paus de lacreiro exemplifica uma solução criativa para estruturar a rede, balanceando durabilidade e leveza essenciais para a eficácia na água. Ambas demonstram os desafios enfrentados durante a atividade pesqueira, pois é certo que existe um ritual específico para a pesca, o tempo da pescaria e o quantitativo de lance para capturar o camarão varia conforme a maré vazante e o quantitativo do camarão pescado, que dura em torno de 6h ou, até menos, sendo pescado de no mínimo 5kg até 30 kg de camarões. Por conseguinte, informam a variabilidade na captura de camarão, sublinham a influência das condições sazonais e de maré na pesca artesanal. O manejo das folhas do manguezal como um desafio adicional destaca a necessidade de paciência e habilidade na prática cotidiana da pesca com o uso de outros utensílios.

A pesca do camarão, realizada com redes de arrastos, em áreas tropicais e subtropicais, é uma das principais atividades no âmbito socioeconômico, desenvolvidas tanto pela captura artesanal na zona costeira quanto industrial na parte externa da plataforma continental (Isaac; Barthem, 2004).

Um fator predominante é com o impacto econômico na vida dessas pescadoras, e isso está associado ao tipo de camarão capturado para a venda e o consumo.

[...] O camarão que a gente pega é o “camarão branco”, que custa 35 a 40 reais o quilo, o “piré”, que custa 20 a 25 o quilo, tem o “camarão bate-pé” que gira em torno de 50 reais o quilo, é o mais difícil de pegar, o “camarão predador” que custa 30 ou 25 por aí, esse predador é o da Malásia que é difícil pegar, mas em caso raro, a gente captura ele, eu não vendo ele, pôs a gente não pega com frequência e nem em cardume (Entrevistada, Zuleide Florindo, 2024).

[...] Na hora do arrasto a gente pega o “camarão bate-pé” que custa em torno de 40 reais, o piré que sai em torno de 20 reais, e o branco que custa 50 reais, são só esses que a gente pega (Entrevistada, Zuleide Florindo, 2024).

A habilidade de diferenciar as diferentes espécies de camarão e entender seu valor comercial, ressalta a importância da experiência local e do conhecimento tradicional na gestão sustentável dos recursos pesqueiros. demonstrando um conhecimento prático e econômico essencial para a pesca artesanal na região.

Tabela 1 – Tipos de camarões capturados

	Nome Popular	Nome Científico	Tamanho	Valor
Camarões	Camarão Branco	Macrobrachium	Varia de 12cm a 19cm	R\$35 A R\$40 reais o quilo
	Camarão Piré	Palaemonetes	Mede cerca de 5cm a 10cm	R\$20 a R\$25 reais o quilo
	Camarão Bate-pé	Palaemon	Chega a 32cm	R\$ 50 reais o quilo
	Camarão Predador	Anomalocaris canadensis	Pode chegar de 10cm a 25cm	R\$25 a R\$30 o quilo
	Camarão da Malásia	Macrobrachium rosenbergii	Ele chega a 32cm no ambiente natural	As pescadoras não o comercializam

Fonte: Elaborado e Adaptado pelos Autores, 2024.

Conforme essa tabela, existem 5 tipos de camarões capturados pelas pescadoras; eles têm nomes populares e nomes científicos. Os tamanhos dos camarões variam de acordo com o tipo, o menor tem o tamanho de 5cm “Camarão Piré” e os outros maiores chegam a 32 cm como o “Camarão da Malásia” e o “Camarão Bate Pé”. Em relação aos valores de venda, os camarões custam no mínimo R\$ 20,00 reais e R\$ 50 reais, o único camarão que não é vendido, é o da Malásia, as pescadoras não o comercializam.

[...] Uma rede dessa hoje custa 1.200, tem umas menores de 800 reais, elas são esse valor por demorarem cerca de 6 meses a 1 ano pra serem feitas a mão mesmo, mas nas lojas elas chegam com menos tempo. O paneiro é 50 reais, porque é feito de guarimã, a canoa não lembro do preço, mas foi cerca de dois mil reais, o remo meu marido que faz (Zuleide Florindo, 2024).

[...] Pra pegar o camarão e só levo a puçá mesmo, agora, eu uso um paneiro pra fazer o catamento do camarão; tipo retirar os sujios que vem junto, quando tem muito maruim, levo um pouco de óleo para passar no corpo, uso um casquinho que é tipo uma canoa só que menor e o remo, só isso mesmo. Eu compro a rede por 800 reais, que eles vendem nas lojas de pescas, mas tem outros valores, dependendo do tamanho da puçá, o paneiro é 60 reais e o óleo é 5 contos. Essa pesca é um tipo de pesca artesanal por ser na beirada do manguezal, além de pegar o camarão, “pego” a pratriqueira, o bagre, o baiacu, dependendo muito do local onde faço o arrasto (Maria Nazaré, 2024).

O paneiro, utilizado para armazenar os camarões capturados, é feito de “Guarimã” e possui um custo de 50 reais. Além disso, Zuleide menciona o investimento na canoa (cerca de dois mil reais) e destaca que o remo é fabricado pelo marido. Ela utiliza um pequeno barco (casquinho, similar a uma canoa) e um remo, e também compartilha o valor da rede comprada em lojas de pesca (800 reais), destacando que o preço pode variar conforme o tamanho da

puçá. O paneiro é adquirido por 60 reais e o óleo por 5 reais. Destacamos, ainda que, na segunda fala, a entrevistada descreve os utensílios utilizados durante a pesca artesanal. Eles são visualizados nas figuras a seguir:

Figura 3 – Utensílios da pesca



Fonte: Autores, 2024.

Para se capturar camarão, além da Puçá é necessário o uso de remos, uma canoa, baldes e outros utensílios para esse tipo de pescaria. Essas informações refletem a importância dos recursos e habilidades específicas necessárias para a prática da pesca artesanal, além de evidenciar a adaptação às condições locais e o uso eficiente de recursos disponíveis para garantir o sucesso da atividade.

Observamos que as mulheres pescadoras, nomeadas de arrastadoras de camarão, atribuem sentidos aos artefatos usados durante a pescaria, as suas práticas pesqueiras e ao universo dessa atividade imersa em inúmeros significados para as suas vidas.

[...] Essa pescaria com o arrasto utilizando a Puça, significa muita coisa pra mim, é de onde vem meu sustento, e de onde tiro o meu dinheiro e dou uma ajuda nos estudos dos meus filhos, me traz recordações do meu pai que não se faz presente hoje comigo, e eu gosto de fazer esses lances com a pescaria (Maria Nazaré, 2024).

[...] Eu penso a respeito dessa pesca, o que tenho a dizer é que faz parte de mim, é uma coisa que foi deixada pra mim e mesmo chegando na velhice vou continuar até não der mais conta. Eu só fico triste porque não tenho como passar adiante esses ensinamentos, meus filhos vão só estudar pra ter um futuro melhor, e além da minha amiga Francisca não tem mais ninguém pra arrastar comigo, mas eu sou feliz por pescar, é

divertido mesmo sendo pesado de se fazer, te digo que vale a pena pegar camarão e comer também (Zuleide Florindo, 2024).

As entrevistadas expressam sentidos e significados profundos com as suas realidades pesqueiras, com o uso do arrasto, utilizando a puçá em suas práticas. Segundo Miller (2009, p.111), “[...] a cultura material é inseparável da imaterial, “o imaterial só pode se expressar pelo material”. Desse modo, consideramos importantes os sentidos atribuídos pelos sujeitos a esses utensílios, em seus cotidianos pesqueiros.

Compreendemos que a cultura material da Puçá das arrastadoras de camarão não deve ser analisada apenas pela sua função técnica e somente pelo utensílio de pesca a “Puçá”, e sim pela totalidade das práticas e saberes culturais enquanto processo educativo, operadas com esse tipo de pescaria artesanal, são eles: redes no formato retangular; dois pedaços de pau de “lacreiro”; o paneiro de Guarimã; a canoa; o remo; o óleo para passar no corpo e baldes. Esses utensílios permitem a tessitura do currículo para a Educação no contexto em que esses sujeitos residem por possibilitar que eles relacionem os saberes locais aos demais conhecimentos escolares.

Para tessitura dos currículos culturais a partir das pescadoras e seus puçás, nos questionamos sobre a questão geradora dessa pesquisa: de que maneira os artefatos culturais usados na pesca de arrastão do camarão, constituem a cultura material da Puçá e são capazes de orientar currículos para a EJA na Amazônia Bragantina? E acrescentamos outra indagação: quais conhecimentos podem ser significativos para os alunos da EJA com as experiências e culturas advindas das pescadoras arrastadoras de camarão com o utensílio Puçá?

Tal questionamento está imbricado com os saberes locais e práticas culturais no cotidiano das margens dos manguezais, são eles: reconhecer **a história de vida das mulheres amazônicas** e a sua relação com as práticas pesqueiras é importante para a compreensão do papel da mulher na sociedade brasileira e os **tipos de profissão com a pesca**; ao reconhecer a história das mulheres em uma única prática cultural, a exemplo com a pesca de arrasto, elas têm uma **heterogeneidade de identidades**, ora são arrastadoras de camarão ora são mestras no pegamento do camarão nas beiradas; a compreensão do tempo com a pescaria traz os processos de aprendizagens humanas; **como as mulheres pescadoras aprendem a capturar camarão?** Em nosso artigo, as aprendizagens ocorrem pelo ato de acompanhar o outro, no

processo de observação participante e de práticas culturais, sendo os saberes transmitidos por quem já os praticava o vetor das relações sociais de aprendizagens com os diferentes tipos de pesca; outro processo da **aprendizagem sobre o camarão**, se vincula ao ato de esticar a Puçá, não fazer barulho, saber diferenciar as espécies de Camarão, saber dividir na hora da venda; ressignificar que as mulheres não só pegam camarão, mas têm outras **atividades de produção das pescadoras**: com a tapagem, com a pesca de linha, pescaria de rede grossa, pescaria de malhadeira e a de arpão e a pescaria do Camarão; **os Tipos de território de pescaria**: o reconhecimento dos territórios nas Amazônias são importantes, pois é deles que conhecemos as práticas dos seres humanos com o meio ambiente; na experiência das pescadoras de camarão **aprender a conhecer a maré**, é fundamental: o jeito certo de remar, investigar os melhores lugares pra pegar mais camarão; procurar os lavrados maiores que não tenha pau pra arrastar; compreender que a pescaria de arrasto ocorre no vaziar da maré até ela começar a encher novamente, que a maré de lançante é importante para se fazer o arrasto contra a maré, ou seja, é a compreensão das **condições sazonais dos tempos da maré** na pesca artesanal e, dependendo dessa maré, irá se saber o quantitativo de camarões que variam de 5kg até 30kg por dia, onde se define também a quantidade de lances para sua captura.

É evidente que esses saberes e práticas culturais são importantes para se pensar propostas curriculares no cotidiano das escolas: os valores dos camarões, tamanhos, nomes populares e científicos; valores dos utensílios, seus territórios em beiras de manguezais, os tipos, substâncias; profissão, famílias de pescadores, divisão de trabalhos; tempos sazonais das marés; os tipos de pesca; hora; dias; gênero – são alguns dos indicativos de saberes culturais que encontramos que podem ser utilizados na produção dos currículos escolares em interrelação com estes conhecimentos, a partir da cultura material da Puçá.

Todavia, são os professores em suas áreas de conhecimentos e suas disciplinas com os discentes da EJA que irão selecionar os conhecimentos necessários no cotidiano das salas de aula, pois se acredita que cada professor em sua didática desenvolve os seus conteúdos culturais, conforme a sua realidade local. Essa é uma das formas de não ‘engessar’ e impor as práticas docentes, mas o ponto de partida é visibilizar as culturas amazônidas.

Portanto, é necessário pensar as **Políticas Curriculares** no intuito de evidenciar na sociedade e nas escolas brasileira, os saberes, práticas e conhecimentos construídos por

mulheres pescadoras, essas produtoras de conhecimentos científicos, bem como, o impacto e contribuição que elas têm com a pescaria de arrastão, pois precisa se romper o paradigma segregador, excludente, opressor carregado em determinados enunciados do patriarcado “[...] eu ouvir muito que as mulheres não iam da conta de pegar camarão, só por ser mulher, mas eu não desisti, continuei tentando, e me tornei mestra no pegamento do camarão nas beiradas [...]” (Zuleide Florindo, 2024).

Considerações Finais

Enfatizamos que nos saberes e práticas na pescaria do arrasto de camarão, identificamos 5 tipos de camarões capturados “Camarão Branco”; “Camarão Piré”; “Camarão Bate-pé”; “Camarão Predador”; “Camarão da Malásia” pelas pescadoras nos territórios de Maré nas Amazônia Bragantina, esses, se diferenciam e se assemelham de outros territórios nas beiradas de Manguezais.

É fato que as práticas das arrastadoras de camarão estão imersas por práticas comunitárias, asseguradas em práticas tradicionais e inovadoras com a pesca e têm princípios da sustentabilidade e da etnoecologia nas beiradas de manguezais da Amazônia Bragantina. Além disso, as pescadoras têm uma íntima relação com esse tipo de pescado, pois seus saberes e práticas são transmitidos entre gerações, com adequações de técnicas apreendidas com seus pais, mães ou companheiros.

Nesse sentido, a alusão aos saberes das pescadoras de camarão a partir dos artefatos que utilizam junto com a puçá para a pesca que realizam na região Bragantina, nos convida a refletir sobre a importância de que tais saberes sejam vinculados aos conhecimentos escolares, enaltecendo as práticas e ainda contribuindo para aprendizagens significativas para os sujeitos, especialmente aqueles que estão matriculados na EJA, onde muitos praticam ou têm pessoas da família que trabalham dessa forma.

Referências

ARAGÃO, José Augusto Negreiros; CINTRA, Israel Hidenburgo Aniceto; DE ARAÚJO SILVA, Kátia Cristina. Situação da pesca de camarões na plataforma continental amazônica/Current situation of shrimp fishery on the amazon continental. **Acta of Fisheries and Aquatic Resources**, [S.l.], v. 3, n.2, p. 61-76, mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.2312/Actafish.2015.3.2.61-76>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/ActaFish/article/view/4411>. Acesso em: 15 set. 2024.

BEGOSSI, Alpina. Small-Scale Fisheries in Latin America: management models and challenges. **MAST**, [S.l.], v. 9, n.2, p. 7-31, Jan., 2010. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/267805627_Small-scale_fisheries_in_Latin_America_Management_Models_and_Challenges. Acesso em: 15 set. 2024.

BELTRÃO, Jane Felipe; LACERDA, Paula Mendes. **Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

ISAAC, Victoria J.; BARTHEM, Ronaldo B. **Os recursos pesqueiros da Amazônia brasileira**. Manaus: ProVárzea/Ibama, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

MACIEL; Rogério Andrade; NEVES Joana d'Arc de Vasconcelos; MAGALHÃES, Franciele de Almeida. Cultura Material da Mandiquera e a Proposição do Currículo na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Communitas**, [S.l.], v. 5, n. 11, p. 1-19, Jul./Set., 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14n2.57622>. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/5150>. Acesso em: 23 jan. 2021.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SANTOS, Maria do Carmo Ferrão; PEREIRA, José Arlindo; IVO, Carlos Tassito Corrêa. A pesca do camarão branco *Litopenaeus schmitti* (Burkenroad, 1936) (Crustacea, Decapoda, Penaeidae) no nordeste do Brasil. **Boletim Técnico Científico do CEPENE**, [S.l.], v. 14, n.1, p. 33-58, Ago., 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Notas

ⁱ O município de Bragança, situado no Estado do Pará, nordeste paraense tem 411 anos de cultura e história. Ele é constituído por territórios nas áreas rurais, urbanas, da praia, dos campos e da colônia. Neste artigo, a cultura da pesca faz parte da relação identitária bragantina.

ⁱⁱ Conseguimos ir a campo para compreender o ato da pescaria com a Puçá nas beiradas dos manguezais e lá encontramos alguns pescadores exercendo essa prática cultural. Naquele momento, registramos o artefato, as práticas e os territórios com esse tipo de pescaria e adicionamos as imagens da pesquisa com as narrativas das pescadoras.

Sobre os autores

Rogério Andrade Maciel

Professor e Pesquisador da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Currículos nas Amazônias (NIPHECA). E-mail: rogeriom@ufpa.br/ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4171802049479343>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1673-5215>

Arthane Menezes Figueirêdo

Professora e Pesquisadora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Líder do Núcleo de Estudos em Currículos e Formação de Professores/as nas Amazônias (NUCFOR) cadastrado pelo CNPq. E-mail: arthane@unifap.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4712716649621181>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9124-5086>.

Recebido em: 15/10/2024

Aceito para publicação em: 29/11/2024